

MEMÓRIA E FICÇÃO HISTÓRICA EM *TRANSPLANTE DE MENINA*, DE TATIANA BELINKY

Simone Luciano Vargas*

Resumo: Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a narrativa de memória e a ficção histórica na obra autobiográfica *Transplante de Menina* (2003), de Tatiana Belinky. Coloca-se em discussão se esta autobiografia pode ser considerada ficção histórica, já que traz questões sociohistóricas, particularmente no que diz respeito aos imigrantes da década de 1930 na cidade de São Paulo. A partir da subjetividade da narradora-personagem, é possível perceber a visão que o imigrante faz do espaço social no qual necessita inserir-se e os traumas advindos desse “transplante” ao qual é submetido. Outra questão a ser analisada é o caráter ficcional do discurso de verdade que a autora-narradora pressupõe à narrativa ao representar os eventos passados, pois as autobiografias têm muito de ficcional devido à impulsão criadora e imaginativa de seus autores.

Palavras-chave: Autobiografia. Ficção histórica. Memória. Tatiana Belinky.

ABSTRACT: This article presents a reflection about the narrative of memory and the historical fiction in the autobiography *Transplante de Menina* (2003), by Tatiana Belinky. This autobiography can be considered like historical fiction. It brings some historical-social questions, particularly about the immigrants of the decade of 1930 in São Paulo city. In the subjectivity of the narrator-personage is possible to note the social space in the vision of immigrant, that need insert himself, and note the traumas of this “transplant” too. Another question to analyze is the fictional character of the speech of true that the author-narrator makes to the narrative when representing the past events. The autobiographies are speech fictional in the creativity and imagination of the authors.

Keywords: Autobiography. Historical fiction. Memory. Tatiana Belinky.

1. Introdução

Neste artigo propõe-se uma reflexão sobre a narrativa de memória e a ficção histórica na obra *Transplante de Menina* (2003), de Tatiana Belinky (Rússia, 1919 – São Paulo (SP), 2013). Essa autora muito contribuiu para a promoção da literatura, seja pela tradução de obras da literatura universal, seja por sua produção na literatura infantojuvenil, no Brasil. Em sua autobiografia, que abrange os anos de 1919 a 1933, ela rememora a sua

* Mestranda pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); bolsista CAPES/DS. Simonelvargas@gmail.com. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Isabel Jasinski.

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

inserção na cultura do leste europeu até os 10 anos de idade e a sua adaptação à cultura brasileira. A obra está estruturada em duas partes: a primeira narra a infância e a viagem para o Brasil; a segunda, a chegada em São Paulo e o processo de adaptação. Se, por um lado, o Brasil se apresenta à Tatiana Belinky como um país exótico, de clima quente, com a possibilidade de “fazer a América” (BELINKY, 2003, p. 8); por outro, revela-se hostil no que diz respeito às relações interpessoais. Visando à reflexão sobre os conflitos identitários durante o processo de adaptação da menina “transplantada”, principalmente no convívio com as crianças da Rua Jaguaribe e da escola na cidade de São Paulo, esse estudo abrange o período de traslado para o Brasil até a adaptação na cidade de São Paulo. Em relação aos elementos históricos presentes nas narrativas ficcionais, o presente artigo pretende apresentar, de forma geral, as definições dadas pelos seguintes pesquisadores: Bastos (2007), Menton (1993) e Weinhardt (2011), justamente porque não há um consenso a respeito das características que definam o termo ficção histórica ou romance histórico. Adianto que para o presente artigo, *Transplante de Menina* (2003) se enquadra como ficção histórica, termo proposto pela pesquisadora brasileira Marilene Weinhardt (2011). A discussão sobre a relação entre veracidade e ficcionalidade será embasada pelo crítico e escritor Juan José Saer (2012).

2. A vida da escritora Tatiana Belinky

Tatiana Belinky iniciou sua carreira na década de 1940, fazendo traduções, adaptações e criações de peças infantis para a prefeitura de São Paulo. Pioneira na dramaturgia infantojuvenil e divulgadora da obra de Monteiro Lobato – adaptou para a TV Tupi, em 1952, “A Pílula Falante” e o “Casamento de Emília”, do livro *Reinações de Narizinho* (1931), em parceria com Júlio Gouveia, seu esposo, que as dirigiu ao vivo (na época não havia *vídeo tape*). A partir da década de 1980, como crítica de teatro e literatura infantil, Tatiana Belinky manteve uma coluna sobre crítica de teatro infantojuvenil na Folha de São Paulo, de 1971 a 1986; assim como era presença constante nos júris de concursos e prêmios sobre dramaturgia infantil. Sua produção escrita na literatura infantil iniciou no final da década de 1980 a convite da Editora Ática. Atualmente sua bibliografia conta com mais de 200 títulos entre traduções e produção própria. Tatiana Belinky ocupou a cadeira de nº. 25 na Academia Paulista de Letras em 2010.

3. Autobiografia, memória e ficção histórica

Transplante de Menina (2003) se enquadra no gênero autobiográfico porque segue parâmetros tradicionais de composição, segundo a definição proposta por Lejeune (2014), “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular sobre a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 14), bem como estabelece o *pacto autobiográfico* por meio da tríade identitária – autor, narrador e personagem.

Nesse caso, nas autobiografias, a pessoa gramatical que unifica a tríade no enunciado é a primeira pessoa: um “eu” não nomeado (na escritura, não há indícios do nome Tatiana Belinky). Esse “eu” do enunciado “exerce simplesmente uma função, que consiste em remeter a um nome, ou a uma entidade suscetível de ser designada por um nome.” (LEJEUNE, 2014, p. 25), que não se encontra na escritura, mas está presente nos paratextos. Estes elementos da obra permitem a identificação da autoria do texto: o nome Tatiana Belinky consta na capa do livro, em cima do título, na folha de rosto, na contracapa, e, principalmente, no posfácio assinado pela autora. Dessa forma, seguindo a lógica de Lejeune, o *pacto autobiográfico* está firmado: “O personagem não tem nome na narrativa, mas o autor declarou-se explicitamente idêntico ao narrador (logo ao personagem, já que a narrativa é autodiegética), em um pacto inicial.” (LEJEUNE, 2014, p. 35).

A obra *Transplante de Menina* (2003) possibilita o acesso à memória coletiva de imigrantes judeus, recém-chegados ao Brasil, por meio da visão de mundo de uma criança, mesmo que com deturpações do tempo presente: “por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e valor” (BOSI, 1994, p. 55). Nesse sentido, apesar de ter como base experiências pessoais que realmente ocorreram, faz-se uso da imaginação para reconstruí-las, pois é nesse ínterim que ocorre a mescla entre o real e o ficcional. Os fatos históricos acabam por corroborar o efeito de real à narrativa.

Entretanto, segundo alguns teóricos, a simples menção de fatos históricos não caracteriza a narrativa como sendo ficção histórica. Segundo Alcmeno Bastos (2007, p. 86),

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

“o acontecimento só é verdadeiramente histórico quando reverbera para além da trajetória individual e/ou familiar da personagem”, bem como as circunstâncias históricas devem influir de algum modo no seu destino. Nesses termos a trajetória da personagem Tatiana está intimamente relacionada com os acontecimentos históricos das primeiras décadas do século XX e compartilha da mesma sorte de muitos imigrantes que se instalaram no Brasil. Após a 1ª Guerra Mundial (1914-1918), em busca de condições melhores de vida, imigrantes do Leste Europeu – vindos de países como Rússia, Polônia, Letônia e Lituânia, muitos de origem judaica – chegaram ao Brasil para engrossar as levadas de imigrantes, como a família Belinky:

[...] As razões dessa aventura eram para nós, crianças, muito nebulosas, a gente só percebia vagamente que havia no ar certa tristeza, apesar da “fachada” otimista ostentada por papai e mamãe. Só anos mais tarde eu iria compreender que os motivos da nossa emigração eram tanto políticos como econômicos, e que papai perdera tudo o que tinha – o que explica por que chegamos ao Brasil sem nada, praticamente com a roupa do corpo. (BELINKY, 2003, p. 52).

A política brasileira incentivou a vinda de imigrantes com o intuito de substituir a mão de obra escrava. Assim os imigrantes que chegavam ao Brasil eram direcionados às fazendas de café. No entanto, o advento das indústrias e os conflitos entre cafeicultores e imigrantes possibilitaram o desenvolvimento da cidade de São Paulo, já que as indústrias ofereciam novos postos de trabalho. De acordo com Jeffrey Lesser (1995), apesar da política de imigração incentivar a vinda de imigrantes para a ocupação de terras no interior do Brasil, muitos dos imigrantes judeus preferiram se instalar nas cidades, pois não tinham habilidades com a agricultura. A cidade de São Paulo se apresentava como o lugar ideal para os judeus, em sua maioria carpinteiros, ferreiros e sapateiros acostumados com a vida urbana.

Outro teórico que trata sobre a questão histórica nos romances latino-americanos é Seymour Menton (1993). O referido teórico considera que a representação do ambiente social das personagens com seus problemas sociohistóricos pode caracterizar um romance como sendo histórico. Entretanto, segundo ele, somente as obras cujas ações se deem total ou predominantemente no passado sem a participação do autor. Seguindo a lógica de Menton (1993), *Transplante de Menina* (2003) se enquadraria como romance histórico porque representa o ambiente social dos imigrantes na década de 1930 com a problemática

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão sociohistórica vivenciada por eles; mas estaria fora porque se trata de uma narrativa autobiográfica.

A partir das pesquisas de teóricos da História, como Hayden White, e da Literatura, como Costa Lima e outros já citados, a pesquisadora Marilene Weinhardt (2011, p. 22), propõe o termo *ficção histórica* em vez de romance histórico. Como característica do gênero, considera que “a tematização do tempo é o traço essencial na narrativa histórica”, por isso, em relação às pesquisas de Menton (1993), Weinhardt (2011) se contrapõe ao critério de que o autor não possa ter vivenciado o passado representado. Segundo ela, “o que determina a condição de histórica, também para a ficção, não é a proximidade ou o distanciamento do tempo da narração com o da escrita, mas o modo de realizar a figuração do tempo e de concebê-lo” (WEINHARDT, 2011, p. 47), ou seja, não basta ter uma marcação temporal definida, mas como o tempo se apresenta na construção do texto.

Pela definição proposta por Weinhardt (2011), a autobiografia de Belinky se enquadra no rol da ficção histórica. Em relação à figuração do tempo, a narrativa abrange o período da infância, na Letônia (Rua dos Navios), à pré-adolescência, no Brasil (Rua Jaguaribe – São Paulo), período cronológico de 1919 a 1933. Há alusão a fatos históricos, como a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa e a Revolução Constitucionalista de 1932, embora nenhum desses eventos tenha um papel de destaque na narrativa, pois o enfoque é a percepção de Tatiana Belinky no seu processo de adaptação à cultura brasileira. Há sim vários capítulos em que ela faz observações sobre os costumes da sociedade da época, apresentando-a a partir de seu olhar estrangeiro. Além disso há uma oscilação temporal entre as percepções da infância e da velhice, além de apresentar a São Paulo antiga em contraste com a moderna.

A 1ª edição do livro *Transplante de Menina* foi em 1989, quando a autora tinha 70 anos: “Costumo dizer que sou, quiçá, mais brasileira que boa parte dos brasileiros natos. Neste país de jovens, a maioria da população aqui nascida ‘não está no Brasil’ há mais de setenta anos, como eu...” (BELINKY, 2003, p. 10). Nesse excerto, além de informar o tempo transcorrido, a autora-narradora faz referência a sua idade como um argumento de autoridade para narrar suas memórias. Embora se trate de memórias individuais, segundo Bosi (1994), as lembranças estão vinculadas às memórias da coletividade, porque a memória do indivíduo

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão depende de seu relacionamento “com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p. 54). Nesse sentido, a memória individual de Belinky agrega-se à memória coletiva dos imigrantes europeus e de outros que vivenciaram o mesmo período histórico. É um fato que permite relacionar seu discurso com a ficção histórica já que aborda questões enfrentadas no cotidiano dos imigrantes de São Paulo, como o desenraizamento e suas consequências.

No caso das pessoas idosas, suas memórias se diferenciam das pessoas jovens porque têm mais tempo para refletir e ponderar sobre suas lembranças: “nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas” (BOSI, 1994, p. 60). Nesse sentido se apresenta uma temporalidade, e aspectos sociohistóricos se fazem presentes, configurando um caráter histórico à narrativa.

O caráter ficcional de *Transplante de Menina* (2003) está relacionado a questões de memória, de imaginário e de gênero autobiográfico. No que se refere à autobiografia, no momento em que o leitor percebe que se trata da história de vida da autora, ele pressupõe que os eventos narrados ocorreram e as pessoas mencionadas realmente existiram. Além disso a autora-narradora é enfática no capítulo introdutório, a título de prefácio: “Mas, por enquanto, gosto de recordar a minha longínqua infância, repartida entre a Europa e o Brasil. [...], que sinto vontade de contar algumas delas aos jovens de hoje. E o que vou contar é tudo **verdade verdadeira**” (BELINKY, 2003, p. 11, grifo nosso). A partir de suas experiências, a autora promete ao leitor uma abordagem do tipo “dizer a verdade, nada mais que a verdade”, que será o fio condutor de sua narrativa. Na obra, referências a locais habitados e menção a registros fotográficos são utilizados para reforçar o caráter verossímil da narrativa: “E disso eu tenho até fotografia, tirada por um de nossos inquilinos, que não me deixa mentir...” (BELINKY, 2003, p. 124). Saer (2012) refuta esse expediente, como estratégia narrativa, de incluir na narrativa referências extratextuais para garantir a veracidade do relato, porque “continua vigente o obstáculo da autenticidade das fontes, dos critérios interpretativos e das turbulências de sentido características de toda construção verbal” (SAER, 2012, p. 2). Para ele, “tudo o que pode ser verificado nesse tipo de relato é, em geral, corriqueiro e secundário, e a credibilidade do relato e sua razão de ser correm perigo quando o autor abandona o plano

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão do verificável” (SAER, 2012, p. 2), o que não é difícil de ocorrer, considerando que o que é narrado faz parte da subjetividade da autora, tendo como fonte principal sua memória. A subjetividade presente relativiza qualquer sentido de verdade, pois nada é absoluto.

A memória é um fator importante a se considerar no que se refere à veracidade e à ficcionalidade. Recordar não significa necessariamente lembrar dos acontecimentos tal como ocorreram. Ao reconstruir seu passado, seu discurso autobiográfico apresenta algumas questões, tais como não ter fronteiras demarcadas entre a ficção e a não ficção. Para James Olney (1991), a autobiografia é ficcional, pois o autobiógrafo ao reviver sua história pessoal “recriará o passado na imagem do presente, ainda que a causa seja a sua ingênua fé na memória como laço infalível com o passado Real, e nem se dará conta de que é isso que está fazendo.”¹ (OLNEY, 1991, p. 41-42, tradução nossa).

Nesse sentido a intenção é verificar a construção de uma narrativa ficcional na configuração de uma temporalidade construída pelo imaginário:

[...] a compreensão de si é uma interpretação; a interpretação de si, por sua vez, encontra na narrativa, entre outros símbolos e signos uma mediação privilegiada; esse último empréstimo à história tanto quanto à ficção fazendo da história de uma vida uma história fictícia ou, se preferirmos, uma ficção histórica, entrecruzando o estilo historiográfico das biografias com o estilo romanesco das autobiografias imaginárias (RICOEUR, 1991, p. 138).

A autora-narradora traz à presença aquilo que está ausente. Sendo o aqui e o agora acontecimento não repetível, o que vem à tona é a representação com o intuito de efeito de real. Assim nas lacunas da memória e na percepção face aos acontecimentos que se oportuniza a criação de uma narrativa ficcional – portanto, uma ficção de si – com vários acontecimentos selecionados e organizados em sequências ordenadas por meio de relações inteligíveis.

O espaço, tanto físico quanto social, viabiliza a formação dessas relações. Assim como o tempo, o espaço é um marco referencial para qualquer indivíduo, ficcional ou não. Além disso “a presença de espaços urbanos existentes extraliterariamente é um importante

¹ Al igual que todo autobiógrafo que intenta revivir su historia personal, tal escritor recreará el pasado en la imagen del presente, aunque a causa de su ingenua fe en la memoria como lazo infalible con el pasado real no se dará cuenta de que eso es lo que está haciendo.

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão
dínamo ao estudo das relações entre literatura e realidade social” (BRANDÃO, 2013, p. 157).
Dessa forma é possível por meio do espaço em consonância com a temporalidade situar a narrativa historicamente, o que atribui efeito de real à autobiografia, aproximando-a da ficção histórica.

4. O transplante

As memórias de Belinky trazem fatos importantes sobre a trajetória e dia a dia dos imigrantes europeus que se instalaram em São Paulo na década de 1930², visando a sua integração. No entanto, percebe-se a ênfase no choque cultural vivenciado por ela em terras brasileiras, principalmente no convívio com as crianças da Rua Jaguaribe e da escola: “E os meus primeiros anos no Brasil, em São Paulo, Rua Jaguaribe, foram uma verdadeira ‘pororoca’, um choque cultural, um terremoto psicológico” (BELINKY, 2003, posfácio).

Não se pode esquecer, contudo, que as fases do desenvolvimento humano referidas na narrativa são a infância e a pré-adolescência, o que pode ter influenciado para que a adaptação inicial tenha sido traumática. Conforme Janet Belsky (2010), a pré-adolescência é o momento em que o indivíduo começa a preocupar-se com a popularidade e eventos negativos podem afetar a sua autoestima, propiciando tormentas emocionais. Os acontecimentos da infância na Letônia são em sua maioria narrados em tom nostálgico, pois é a fase idílica de Belinky. Já a pré-adolescência, período de transição entre a infância e a adolescência, é a fase em ebulição. É nessa fase do desenvolvimento que a narradora-personagem é “transplantada” para o Brasil.

Quanto aos motivos do exílio voluntário, na narrativa, é feita alusão de que a mãe foi comunista e que inclusive participou da *Intelligentsia* antes da Revolução Russa. Isso induz ao leitor interpretar que os motivos para saírem da Letônia estão mais relacionados à perseguição política do que econômicos. A intenção inicial era de um dia retornarem à Letônia, mas, como ocorreu com muitos imigrantes, eles nunca mais retornaram à terra natal: “o que não podíamos imaginar é que acabaríamos ficando no Brasil para sempre – para nossa

² Havia um grande incentivo político e econômico à instalação de estrangeiros no Brasil, visando à criação de núcleos coloniais para a ocupação de terras, a consolidação do território e dinamização da economia com o desenvolvimento de novas culturas agrícolas; bem como a “melhoria da raça”, pelo “branqueamento” da população brasileira. (PAIVA, 2013, p. 33).

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão
grande sorte e salvação” (BELINKY, 2003, p. 52). Nesse trecho, a narradora faz uma alusão à Segunda Guerra Mundial devido aos eventos históricos de fundo antissemita que atingiram os familiares que permaneceram na Letônia. Essa situação é semelhante à de muitos imigrantes que vieram para o Brasil devido à perseguição stalinista, portanto, trata-se de fatos históricos vivenciados pelos imigrantes que, de certa forma, decidiram seus destinos.

Num primeiro momento, a mudança para o Brasil se apresenta sob um aspecto positivo. A oportunidade de viajar, de conhecer um país diferente do qual nunca tinha ouvido falar, sob o ponto de vista da personagem era uma aventura:

Viajar para o Brasil! [...]. Um país que ficava na América, muito longe, do outro lado do oceano. E que nós íamos navegar até lá num navio transatlântico – que coisa romântica e empolgante! [...]. De qualquer maneira fiquei muito excitada com a perspectiva dessa viagem [...]. (BELINKY, 2003, p. 51).

A viagem no transatlântico “General Mitre” atendeu às expectativas da personagem e de seus irmãos. Foram 22 dias de viagem sobre o Oceano Atlântico em que tiveram de conviver com pessoas de outra classe social. De acordo com Sandra Pesavento (2008, p. 58), a sensibilidade “incide justo sobre as formas de valorizar, classificar o mundo ou de reagir diante de determinadas situações e personagens sociais”. Nesse ponto também se apresenta a subjetividade que relativiza o discurso de verdade.

Ao longo da narrativa, a sensibilidade se apresenta de diferentes formas, por exemplo, quando Tatiana classifica os passageiros por sua condição social. Com o intuito de distinguir sua família dos demais, ela faz referência a um conjunto de códigos culturais de distinção social, como a roupa, a linguagem, o comportamento, o grau de escolaridade. Vale ressaltar que o contraste entre sua família e os demais passageiros é segundo o ponto de vista de Tatiana. Sua família, por não estar em boas condições financeiras, viajava na terceira classe assim como os demais. As marcas de distinção das quais a autora-narradora faz referência demonstram o desejo de distinção e valorização social, tanto que se baseia sobre os traços de oposição existentes para caracterizar gente do povo e gente de classe média:

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

A maioria das pessoas da terceira classe era gente do povo, camponeses, trabalhadores braçais, operários, gente pobre, fugindo da miséria e da falta de perspectivas da própria pátria, [...]. Ninguém era como nós, gente de classe média, de nível universitário, como a mamãe, [...] (BELINKY, 2003, p. 57).

Para ela, a diferença é flagrante, pois pressupõe que o capitão do navio percebeu logo, porque destoavam dos demais: “O capitão olhou para nós e logo percebeu que aquela não era uma família de operários ou camponeses.” (BELINKY, 2003, p. 59). No entanto, o período da viagem se apresentava como uma aventura, pois lhe era uma situação inusitada conviver com pessoas de outra classe social: “Vimo-nos de repente no meio de pessoas bem diferentes de nós, no aspecto, na roupa, nos modos de falar e se conduzir, e só isso já era o começo de uma aventura” (BELINKY, 2003, p. 57). Esse relato trata-se de um testemunho histórico importante sobre a sociabilidade vivenciada por esses emigrantes na travessia do Atlântico. O convívio por 21 dias com europeus de várias nacionalidades forçou uma intimidade e promoveu uma comunidade transitória que se desfez assim que aportaram no Brasil.

A chegada ao Brasil também foi emocionante. A visão do Rio de Janeiro ao entrar na Baía da Guanabara, em 1929, apresentava-se como um cartão de boas-vindas aos imigrantes:

Todo mundo correu para as amuradas, e ficamos olhando de longe aquela vista incomparável: a linha harmoniosamente curva da praia de Copacabana, toda faiscante no seu “colar de pérolas”, como era chamada, carinhosamente, a iluminação da Avenida Atlântica. Era uma fieira de luminárias, postes de ferro estilosos, de três braços, como elegantes castiçais, sustentando grandes esferas luminosas e formando realmente um verdadeiro colar de três voltas, acompanhando a curva perfeita da praia. E atrás do “colar de pérolas” erguiam-se as silhuetas dos morros cariocas – Copacabana ainda não tinha prédios altos para esconder as montanhas, só havia casas, palacetes e jardins, e aquele bonito calçamento de mosaico português, imitando as ondas do mar que, esse sim, existe ainda hoje. (BELINKY, 2003, p. 63).

A sensibilidade se apresenta na construção estética do texto, principalmente nas descrições. Dependendo do assunto tratado ou do espaço, a construção narrativa apresenta maior ou menor uso de recursos estilísticos, que também são uma forma de valorização.

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão
Segundo Pesavento (1999, p. 10), “o escritor, como espectador privilegiado do social, exerce sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus atores”. É o que ocorre com a descrição da visão da cidade do Rio de Janeiro, o que não lhe impede de fazer uma comparação entre a cidade do passado e a cidade do presente, com seus prédios altos.

Tatiana e sua família ficaram uma semana no Rio de Janeiro antes de se instalarem em definitivo na cidade de São Paulo.

5. A menina transplantada

5.1 A cidade de São Paulo

A segunda parte da obra inicia-se com a chegada de Tatiana à cidade de São Paulo. Como a primeira cidade que ela conhecera foi o Rio de Janeiro, e o caminho que percorreram de trem subindo a Serra Geral em direção a São Paulo também era bastante bonito, criou-se uma expectativa com relação à cidade de São Paulo. No entanto, ao chegarem à cidade, a primeira impressão da narradora foi de estranhamento e quebra dessa expectativa:

Finalmente chegamos à Estação da Luz. E a minha primeira impressão de São Paulo [...] foi uma rua de construções que me pareceram muito esquisitas: de porta na própria calçada, baixinhas, térreas ou de um andar só e que, a julgar pelas aparências, eram predominantemente lojas. (BELINKY, 2003, p. 74).

Em comparação à descrição da cidade do Rio de Janeiro com adjetivos elogiosos e metáforas, a descrição da zona periférica de São Paulo evidencia o seu caráter comercial. Quando chegam ao centro da cidade, local mais valorizado pela municipalidade, os recém-chegados ficaram impressionados com a beleza da arquitetura eclética da cidade:

[...] tivemos de passar pelo centro da cidade. E foi aí que tive a primeira verdadeira visão de São Paulo, uma visão de impacto, que não esqueci mais. Guardo na memória, como um cartão postal grande e colorido, a Praça Ramos de Azevedo; o belo Anhangabaú, com seu parque, escadarias e esculturas; o imponente Teatro Municipal, com sua elaborada arquitetura; o bonito Viaduto do Chá, com sua estrutura e gradis de ferro, que me lembrava

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

as pontes sobre o Rio Dviná, só que não havia água embaixo dele, que coisa estranha... (BELINKY, 2003, p. 75).

Para logo se depararem com o prédio da *Light* inaugurado alguns meses antes de sua chegada, o que deveria ser novidade até mesmo para os moradores da cidade:

Mas o que mais me impressionou naquela praça foi o edifício da “Light”, hoje Eletropaulo, que era o mesmo de agora, mas novo e bem tratado. E, mais importante, dominando a praça inteira, esplendorosamente branco-fosforescente, iluminado por todos os lados por possantes holofotes dirigidos diretamente para as suas fachadas – talvez para justificar o nome Light e Power, luz e força. E, para completar o deslumbramento, o prédio tinha, na cobertura, um enorme farol, cujo possante fecho de luz varria todo o céu, de lado a lado, num vaivém lento e solene. Ficamos tão embasbacados com aquele espetáculo que papai até mandou o táxi parar, para que nós, crianças, pudéssemos apreciá-lo melhor. (BELINKY, 2003, p. 76).

Outros prédios públicos do centro são mencionados como imagens da São Paulo antiga guardadas na memória, mas estes já não fazem referência às primeiras impressões ante a visão da cidade. Contudo, situam o leitor sobre a geografia local e expõe-lhe o ponto nevrálgico da cidade na época:

Guardo também a lembrança do outro lado do viaduto, que por sinal era o lado mais importante, o verdadeiro centro nevrálgico – comercial e bancário – da cidade. Era o chamado “Triângulo”, formado pelas ruas Direita, São Bento e 15 de Novembro, entre as três grandes igrejas: a de São Francisco, com as arcadas da Faculdade de Direito ao lado; o Mosteiro de São Bento; e, naturalmente, a catedral da Praça da Sé, em plena construção. (BELINKY, 2003, p. 76).

E atualizam informações históricas:

A Praça do Patriarca também era baixa, rodeada de prédios de poucos andares, como aliás toda a cidade. O único edifício alto mesmo, o primeiro “arranha-céu”, não só de São Paulo, mas de toda a América Latina, era o Martinelli, de espantosos vinte e dois andares, que ainda estava em final de construção – e que por sinal também ostentava um farol poderoso, com seu fecho de luz varrendo o céu noturno. (BELINKY, 2003, p. 77).

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

No ano em que Tatiana Belinky chegou ao Brasil, em 1929, o edifício Martinelli contava apenas com doze andares, sendo finalizado somente em 1934. Segundo Milton Parron (2004), o prédio foi “símbolo de um tempo em que a cidade era tida como a locomotiva do Brasil, [...] marcou o começo da verticalização de São Paulo, seguindo a tendência norte-americana que via os arranha-céus como símbolos de progresso [...] um monumento à vitória dos imigrantes no país e um marco na cidade” (PARRON, 2004, p. 28), idealizado e projetado por imigrantes, não é por acaso que este prédio é exaltado na narrativa, observa-se pelos adjetivos que o caracterizam e pelo título que lhe faz referência. Em 1935, o edifício perdera o título de mais alto da América Latina e, em 1947, do de São Paulo, ainda assim permanece como um lugar de memória na comunidade paulista.

Já o local onde residiram por três anos, a Rua Jaguaribe, no bairro Bom Retiro, não atendia às expectativas de Tatiana. Descrito como uma rua grande, de cinco ou seis quadras, com casas baixas e geminadas: “casas que nos pareciam estranhas, com as janelas dando diretamente para a calçada, algumas até com portas de entrada abrindo direto para a rua” (BELINKY, 2003, p. 79). Os adjetivos “estranho” e “esquisito” são utilizados para caracterizar aquilo que lhe causa sensação de estranhamento, por ser diferente de suas referências culturais.

A diversificada arquitetura de São Paulo – desde as casas geminadas onde as classes mais pobres viviam até o bonito e moderno centro da cidade – contrastava com a arquitetura de Riga: “[...] os tais arranha-céus, espécie de casas nunca vistas, tão altas que chegavam até as nuvens, mais altas que qualquer torre de igreja que eu conhecia – e que eram as construções mais altas de Riga.” (BELINKY, 2003, p. 51). As diferenças arquitetônicas entre os espaços contribuía para o sentimento de desenraizamento do imigrante, pois causavam o estranhamento espacial.

5.2 O processo de adaptação

No primeiro mês, ocuparam o mesmo quarto numa pensão: os pais e as três crianças. Depois alugaram um sobradinho na mesma rua: “Era um apartamento de dois quartos, sala, cozinha e banheiro – pequenos, mas para nós, depois daquele quarto apinhado na pensão, aquilo era um luxo”. (BELINKY, 2003, p. 81). O pai, por não conseguir emprego,

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão auxiliava a esposa cuidando da casa e das crianças. Assim eles se estabeleceram na cidade de São Paulo, com muitas dificuldades econômicas; as outras dificuldades, iam contornando conforme o tempo passava. No entanto, por tratar-se de um narrador autodiegético, não temos o parecer do adulto sobre a adaptação. Nesse sentido parece ao leitor que foram as crianças quem mais sentiram com a mudança de país.

Na Rua Jaguaribe teve início, para nós, crianças, uma vida nova, que no começo foi muito difícil, por causa do idioma desconhecido, dos costumes desusados, do ambiente, do clima, e até da roupa que trouxemos conosco, especialmente a do meu irmão. [...]. Mas os meninos caçoavam dos nossos trajes, chamavam meu irmão de mariquinhas, perguntavam se aquilo era fantasia de carnaval... Nós nem sabíamos o que era carnaval [...]. (BELINKY, 2003, p. 84).

A afirmação de que o processo de “transplante” foi traumático é constante na narrativa. Isso não ocorreu devido a causas naturais, como o clima, mas devido às intransigências do meio social. As diferenças culturais entre os dois países contribuíram para dificultar a adaptação, pois são dois sistemas que se contrapõem, evidentes ao mencionar as roupas típicas da Letônia e que eram utilizadas por Tatiana e seus irmãos. O desconhecimento do que seria “carnaval” dificulta a compreensão até mesmo de uma ofensa.

Assim como na Rua Jaguaribe, nas escolas onde estudou no Brasil – uma escola era alemã e a outra americana –, ela também teve dificuldades de relacionamento com as demais crianças. Com o intuito de diminuir o choque cultural, a primeira opção dos pais foi de matricular os filhos na Escola Alemã, onde ela e seu irmão permaneceram por três meses. As aulas eram ministradas em alemão e a disciplina era rígida, com castigos corporais. O ambiente escolar era hostil e violento. Nos intervalos entre as aulas, a autora-narradora e seu irmão eram perseguidos pelos outros alunos, principalmente, por sua condição judaica: “o que eu ouvi e aturei de xingamentos e desaforos naquele pátio, só eu sei: cheguei a ser acusada, em altos brados, até de ter crucificado Jesus Cristo...” (BELINKY, 2003, p. 141). Esse relato demonstra que o fato de estarem no Brasil, um país que acreditavam estar seguros quanto ao antisemitismo, não impedia de os judeus serem perseguidos tanto por aqueles de origem alemã quanto por brasileiros, dito nativistas. “O fato de que a maioria dos imigrantes judeus vinha do Leste europeu pós-Revolução Russa servia para que os principais intelectuais e

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão
políticos brasileiros confirmassem seus preconceitos de que todos eram comunistas e exploradores econômicos.” (LESSER, 1995, p. 65).

Transferidos para a Escola Americana, anexa ao *Mackenzie College*, o ambiente escolar se apresentava completamente diferente da Escola Alemã; mas nem por isso se pode dizer que não havia conflitos: a animosidade era velada.

Muitas vezes eu me senti solitária, isolada, rejeitada – sem violência, sem agressões diretas, sem palavras ásperas –, mas mesmo assim rejeitada, como demonstram alguns incidentes que tiveram lugar durante os meus primeiros meses na Escola Americana. (BELINKY, 2003, p. 144).

As diferenças culturais entre os dois países geraram os conflitos identitários entre a autora-narradora e as crianças da Rua Jaguaribe e da escola. Mesmo com as tentativas de aproximação feitas pela personagem, com o intuito de inserir-se no meio social da Rua Jaguaribe e da escola, as diferenças persistiam. No entanto, com o passar do tempo, a rejeição se abrandara e já era possível visualizar uma integração: “eu já conquistara o meu espaço, tanto perante os professores como entre os colegas, que não caçoavam mais do meu sotaque nem me discriminavam daquele jeito” (BELINKY, 2003, p. 156).

A Revolução Constitucionalista, de 1932, de certa forma auxiliou os imigrantes a firmar um pacto com a cidade de São Paulo, como se fosse necessário doar algo de si para sentir-se fazendo parte do país. A integração se apresenta ao aderir à campanha “Dê ouro para o bem de São Paulo”: “doei uma correntinha de pouco valor material, mas que, como gesto, foi importante para mim, na medida em que consolidou a minha ‘naturalização’ simbólica, a minha adesão emocional – para sempre – a São Paulo e ao Brasil, minha nova pátria” (BELINKY, 2003, p. 158). Na obra o sentimento de pertencer, de fazer parte da cultura se apresenta com muita força nas memórias de Belinky.

6. Considerações finais

A autobiografia é considerada um gênero híbrido por trazer relatos de cunho verídico com elementos de historicidade, no entanto, faz-se necessária a ficcionalidade para a construção verbal, já que a memória tem suas limitações. A história se apresenta por meio de alusões a eventos paradigmáticos como as revoluções e as guerras que marcaram o século

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão XX, bem como a representação de ambientes sociais com suas problemáticas, considerando Menton (1993), e a figuração do tempo na construção do texto segundo Weinhardt (2011). Além disso é possível resgatar a memória coletiva de um grupo, no caso os imigrantes, por meio das lembranças de Tatiana Belinky que apresenta situações como a travessia do Atlântico e a chegada na Baía de Guanabara no Rio de Janeiro. A construção verbal de suas experiências oportuniza a mescla entre veracidade e ficcionalidade, dessa forma, pode-se considerar a autobiografia como ficção histórica.

No âmbito individual, a narrativa de suas memórias pode ser uma forma de a autora evitar o esquecimento. Uma forma de recordar e, ainda, transmitir para as gerações posteriores suas experiências de vida. Para quem recorda, verdade é; por isso, a noção pretendida na escrita da autora, caracterizando seu compromisso em registrar de forma verídica as experiências vivenciadas. Na impossibilidade de retomar os acontecimentos tal como ocorreram, o que se produz é a construção de uma narrativa ficcional: na configuração de uma temporalidade construída pelo imaginário, com *pretensão* de verdade.

Transplante de Menina (2003) demonstra que a autora-narradora quer partilhar com o leitor as emoções e as sensações vivenciadas pela personagem, neste caso, da Tatiana dos 10 aos 13 anos, na cidade de São Paulo. Neste momento a sensibilidade do escritor é posta em ação, para expressar em palavras não somente as imagens “que ficaram guardadas na memória”, mas também a percepção das experiências vividas. Por meio de metáforas e adjetivos, é evidente a subjetividade na elaboração dessa linguagem, pois demanda um esforço reflexivo do autor-narrador.

Os conflitos vivenciados pela autora-narradora-personagem marcaram sua fase de adaptação no Brasil de tal maneira que ainda apresentam suas cicatrizes 70 anos depois. Nesse sentido, *Transplante de Menina* (2003) cumpre a função de causar um efeito catártico: a purgação emocional do sentimento de rejeição social ao qual foi submetida. Efeito que pode estender-se ao leitor dessas memórias.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Alcmeno. **Introdução ao romance histórico**. Série ponto de Partida. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

BELINKY, Tatiana. **Transplante de Menina**: da Rua dos Navios à Rua Jaguaribe. 3ª edição. São Paulo: Moderna, 2003.

BELSKY, Janet. **Desenvolvimento humano**: experienciando o ciclo da vida. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 16ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva e Belo Horizonte: Fapemig, 2013.

LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica**: imigração, diplomacia e preconceito. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. 2ª edição. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2014.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina*: 1979-1992. México: Fondo de Cultura, 1993.

OLNEY, James. Algunas versiones de la memoria/ algunas versiones del bios: la ontología de la autobiografía. In: LOUREIRO, Ángel G. La autobiografía y sus problemas teóricos: estudios e investigación documental. *Monografías temáticas*, suplementos nº 29. Barcelona: Editorial Anthropos, 1991. 33-47 p.

PAIVA, Odair da Cruz. **Histórias da (I)migração**: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013.

PARRON, Milton. **São Paulo, a trajetória de uma cidade**: história, imagens e sons. São Paulo: Nobel, 2004.

PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

_____. **História e história cultural**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

SAER, Juan José. O conceito de ficção. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 8, julho de 2012.

Littera Online

n.12, 2016

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

WEINHARDT, Marilene. Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular. In: WEINHARDT, M. (org.). **Ficção histórica: teoria e crítica**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011. p. 13-55.